

PRÓLOGO: HIMALAYA, A MORADA DAS NEVES

LHASA, TIBET (408 a.C.)

Lhasa, a cidade dos Deuses, já se avista pela íngreme estrada de pedras soltas e seixos pontiagudos. Mercadores, comerciantes, nômades e monges se dirigem à cidade para a comemoração do ano novo. A *Potala*, com seu telhado de lâminas de ouro, brilha e reflete os raios de Sol, como um farol dourado, em meio à neve alva, protegido pelo Himalaia enrugado e secular. Terra isolada, em que, no sopé do Himalaya, ao sul do Nepal, entre 560 a 556 a.C. em Kapilavastu, nasceria Siddharta Gautama, o Buda.

Pastores, camponeses, gente simples, mendigos, ladrões, mongóis, chineses, indianos, peregrinos e monges das terras baixas fervilham pelas estreitas ruas da capital dourada, disputando espaço entre *yakis* de pêlos enormes e compridos, e um número espantoso de cães sem dono.

O cheiro de incenso, estrume de *yaki* e cevada tostada se misturam entre a população de rosto sempre feliz e forte. A pele deste povo parece um couro curtido, esticado pelo vento e pelo frio. As ruas estão eufóricas com a entrada do ano novo do Dragão, anunciando uma época de muita fartura e prosperidade, mas também uma época em que as forças do céu e da terra, do invisível e do visível, se cruzam trazendo a discórdia ou a harmonia.

Bandeirolas multicoloridas enfeitadas com desenhos de demônios e deuses são agitadas pelo vento da cordilheira, enquanto monges giram entre suas mãos pequenos tamborezinhos que fazem um som grave e oco para afugentar os maus espíritos. Outros, na maioria com mantos de cor açafrão, passam habilmente por seus dedos as 108 contas de seus *japamalas* (rosários), recitando suas orações e *mantras* num ritmo cadenciado e vibrante.

Depois de três semanas de viagem, vindos do mosteiro da Magia e Ritualística, eu, Naropa, – um *trapa* (discípulo) desta lamaseira – e meu mestre, o Lama Gopa Gosh Gopala, avistamos a *Potala*. A cidade dourada, o centro do governo e da religião no Tibet... Nossa morada sagrada.

– Ande logo Naropa, temos que encontrar os outros monges, pois estamos atrasados dois dias. Logo que chegarmos à cidade faremos uma refeição quente, depois os encontraremos.

– Sim Lama Gopala – falei entusiasmado quando avistei a cidade.

Apesar de termos saído com antecedência, uma pequena avalanche havia interrompido o nosso caminho, e tivemos que voltar para pegar outro atalho, o que nos tomou dois dias a mais do previsto. Mas nada era motivo de preocupação para Lama Gopala durante o caminho, e ele disse que nossos colegas monges nos aguardariam no leste da *Potala*.

No Himalaya, onde não há meios de comunicação e as barreiras geográficas e climáticas são enormes, que meio melhor que a telepatia para mandar mensagens? Isso era algo que meu mestre e outros monges dominavam habilmente. Quanto a mim, como

já lhes falei, era um *trapa*, um simples estudante que estava aprendendo sobre todos esses fatos, ligados ao corpo, à mente, à alma e ao Universo.

Quando tinha sete anos, estava com minha mãe pelas ruas de Lhasa, à procura de um tapete para nossa casa, e de um casaco de couro e pele de *yaki* para mim, pois o inverno já estava se pronunciando com o vento cortante que machuca a pele. Enquanto minha mãe procurava pelas lojas, eu e meu irmão mais velho, de 12 anos, corríamos pelas ruas e vielas de chão batido e seixos arredondados trazidos do sopé da cordilheira. Comíamos uma guloseima com açúcar cristalizado que cada um de nós ganhava sempre que íamos à capital.

Estava atrás de meu irmão, pois ele havia roubado meu doce, e ameaçava comê-lo de uma bocanhada só. Algo que ambos sabíamos que ele não o faria, pois com certeza isto lhe garantiria uma boa surra, quando chegássemos em casa, e uma séria conversa com nosso pai, ao voltar das terras baixas, depois de vender seus pôneis de pêlo longo e alguns *yakis* para os mongóis das planícies.

Ao dobrar uma esquina atrás de meu irmão, procurando ainda manter minha alta velocidade (pelo menos para mim ela era espantosa), devido às pesadas roupas que usava, ouço a voz de minha mãe me chamando. Viro a cabeça para trás... Recebo um baque violento e sou jogado para trás, sentindo meu pequeno corpo bater no chão, ao mesmo tempo em que todo o ar rarefeito sai velozmente de meus pulmões. Uma dor aguda penetra na cabeça.

Após 10 minutos desacordado (segundo meu irmão falou), abro lentamente os olhos e ouço um canto ininteligível para mim, mas extremamente calmante e atraente. À minha frente está um monge de manto amarelo e sua cabeça raspada com mais três jovens ao seu lado e seus respectivos mantos acafrão.

A primeira coisa que fiz foi procurar meu irmão e meu doce. Fico contente de ambos estarem bem e intactos ao meu lado. Minha mãe, com rosto preocupado, mas ao mesmo tempo alegre por ver que eu estava recomposto.

O sorridente monge de manto amarelo me ajudou a levantar, enquanto os outros três ainda entoavam um cântico, só que agora quase inaudível. Tão logo fiquei de pé, tive uma atitude inesperada para mim e minha família. Era como se há muito tempo eu não visse aquele monge. Abri-lhe um largo sorriso e fiz uma reverência unindo minhas mãos, dizendo-lhe:

– *Om mani padme hum*, Rimpoche de Kargyompa!

E corri para seus braços. Recebeu-me com a mesma alegria e me suspendeu no alto. Enquanto o abraçava com uma das mãos, com a outra dava tapinhas de leve no topo de sua cabeça raspada. Ambos ríamos de alegria.

Eu não sabia o que havia dito, só mais tarde soube o que queria dizer.

Om mani padme hum! (Deus salve a jóia na flor de lótus!). *Rimpoche*, é “precioso senhor” O maior título de reverência que é dado a um Lama. Kargyompa é uma *Gompa* (Morada da Solidão), um mosteiro lamaísta, em que alguns de seus estudos são de ritual, magia e astrologia, filosofia oriental e metafísica, poder das ervas, medicina natural, telepatia e outros.

Minha mãe ainda atônita com minha atitude estava rezando para os Deuses, com o rosto humilde olhando para o chão. Meu irmão estava de boca aberta, enquanto eu o chamava para vir brincar conosco, pois era o que eu estava fazendo, para diversão também dos outros monges.

Passada minha euforia, enquanto o monge de manto amarelo ficou conversando com minha mãe, os outros três saíram comigo e meu irmão, colocando-nos sobre os ombros e passeamos por aquelas ruas, tendo a visão privilegiada da nossa

posição agora com 1,80 m. de altura. A maioria dos pedestres nos olhava com alegria, outros com desconfiança e ainda outros cumprimentavam os jovens monges de manto açafraão. Alguns tocavam com respeito seus mantos.

Depois do passeio, nos despedimos e vi-os sumir na direção Oeste, e, mais tarde, vim a saber que estavam indo a Chigatze, a segunda mais importante cidade, depois de Lhasa. Abanava-lhes e mostrava a língua, enquanto minha mãe me segurava por uma das mãos.

No fim da semana, quando meu pai chegou em casa, minha mãe lhe contou nos mínimos detalhes todo o ocorrido. A princípio, ele ficou incrédulo, mas logo que minha mãe lhe contou o que havia dito ao monge, sua expressão mudou e passou a me fitar com carinho, com olhos lustros de água. Algo bem incomum na constituição robusta e imponente de meu pai.

Passados quatro meses já havia me esquecido de meus amigos monges, e ao entrar em casa correndo junto com meu irmão, encontro o mesmo monge de manto amarelo, e um outro com o mesmo manto, porém, bem mais velho. Também estavam os dois jovens monges de manto açafraão, da primeira vez que nos encontramos.

– Rimpoche! – disse alegremente, enquanto me sentei a seu lado segurando sua macia mão.

O que eles estavam fazendo ali, quando o próprio Lama Gopala me explicou mais adiante, era um teste. Pois, do nosso primeiro encontro advindo daquela trombada casual, era consequência da orientação de um vidente de seu mosteiro, de que ali na cidade de Lhasa, ele encontraria o Lama Naropa habitando um novo corpo. Quando ele estava quase desistindo e indo embora, a previsão do vidente se realiza.

– Na esquina surge um pequeno menino que corre como o vento – disse o vidente do mosteiro.

E ali estava O Lama Gopala em minha casa, para fazer mais três testes, apenas por tradição, pois as primeiras duas provas já seriam suficientes. (a outra foi chamar o nome de seu mosteiro: Kargyompa)

– Veja menino veloz, – era assim que ele me chamava, desde nosso primeiro esbarrão – trouxe um presente de que você gosta.

Ele tira da pequena sacola pendurada em seu ombro, uma ameixa cristalizada.

– Você sabe que gosto de figo cristalizado das terras baixas (Índia) e não de ameixa – e permaneci aguardando até que ele tirasse um suculento e doce figo cristalizado de sua sacola.

Ele e os outros monges parecem satisfeitos, e eu mais ainda, pois aquele figo era o mais doce que já havia comido. Dei um pedaço para meu irmão com certa relutância.

O Lama faz um sinal para o monge mais jovem. Ele coloca várias tigelas de madeira na mesa baixa da sala, enquanto minha mãe traz um bule de *Tsampa* (chá quente, manteiga de *yaki*, cevada tostada e sal). Serve uma generosa porção primeiramente para os monges em sinal de respeito, depois ao meu pai e meu irmão respectivamente. Antes do mais jovem dos monges colocar a primeira porção de *tsampa* na boca, levanto-me de um salto e corro na sua direção.

– Meu amigo monge, pode trocar a tigela comigo?... A *tsampa* é sempre mais gostosa em minha velha e amiga tigela.

– Sim – disse o sorridente monge, enquanto voltava ao meu lugar como se nada tivesse acontecido, e em sete bocaradas minha tigela já estava vazia.

Depois de todos estarem satisfeitos, o Lama mais velho entoou um pequeno cântico, e tira do bolso interno de seu manto um pequeno saquinho de couro cru oleoso e amaciado pelo tempo. Abre-o vagarosamente colocando sobre a mesa 20 ou 25 pedras

preciosas lapidadas e outras entalhadas, do tamanho de um ovo de codorna. Fiquei fascinado e me aproximo da mesa, pois todas eram coloridas e tinham um brilho hipnótico. Eram esmeraldas da América do Sul. Rubis e safiras da Índia. Água-marinhas da Rússia, azuis como o céu. Ametistas da cor do vinho tinto que meu pai tanto adorava. Opalas iridescentes como a Aurora Boreal. Um citrino da cor do Sol, e outras que não conhecia. Todas lapidadas de várias formas.

– Escolha uma, menino que corre como o vento – disse Lama Gopala.

No início fiquei com receio, mas depois que olhei para meu pai que fez um sinal afirmativo com a cabeça, vi que tudo estava bem. Sempre gostei muito da cor azul e meu primeiro impulso foi pegar uma pedra de um azul cintilante, provavelmente uma água-marinha. Decido pegar uma ametista em forma de esfera, com um brilho púrpura ígneo muito atraente.

Todos permaneciam em silêncio, enquanto minha mão já se dirigia para pegar a ametista com fogo violeta em seu interior, mas um brilho estranho entre as outras pedras atrai minha atenção, e vejo uma pedra que não havia notado. Era um cristal incolor e transparente, esculpido em um formato estranho. Não pensei nem duas vezes, largo a ametista e pego o cristal, me virando para Lama Gopala com o cristal na palma da minha mão.

– O Crânio! – disse ao Lama, que abria um sorriso e fazia um sinal afirmativo, que podia ficar com o cristal.

– Seja bem vindo Lama Naropa – disse *Rimpoche* Gopala.

Não sabia por que ele me chamou de Naropa, mas aquele nome me soava bem.

Os quatro monges se sentam na posição de lótus e começam a entoar cânticos e *mantras*, enquanto passam as contas de seus *Japamalas* por seus dedos. Meus pais começam a orar de felicidade e alegria.

Após um ano Lama Gopala retorna com dois jovens estudantes para me levar e dar início assim ao meu aprendizado em seu monastério. Tinha a idade de oito anos e parti alegre, pois sabia que estaria entre amigos, e de seis em seis meses visitaria minha família. Mesmo assim, um nó em minha garganta se formou e meus olhos pareciam um lago sobrecarregado da água do degelo das altas montanhas. Minha mãe derramava suas lágrimas em silêncio.

Ainda sou um *Trapa*, e já se passaram 10 anos. Aprendi muito com os Lamas, mas principalmente com meu mestre e amigo Lama *Rimpoche* Gopa Gosh Gopala. Sempre que ele saía em viagem, seja para as terras altas a 7.000 metros de altura, ou nas planícies das terras baixas (Mongólia, China, Índia) habitualmente o acompanhava, e agora a ocasião não era diferente com as festividades em Lhasa, a capital.

Logo que entramos na cidade, as ruas já fervilhavam de pessoas de todos os lugares, que acorriam nessa festividade, seja para terem uma audiência com o Dalai Lama, ou outros Lamas importantes. Uma concessão feita às autoridades dos países vizinhos.

Nômades e peregrinos vinham para exercitarem seus espíritos. Os mercadores traziam seus produtos exóticos de outros países para vender no mercado. É claro que com todo esse movimento, também vinha gente da pior espécie, desde charlatões, até assassinos e ladrões que viam nisso uma boa oportunidade de exercitarem

suas profissões menos dignas.

Meus olhos observavam tudo atentamente, e só na distância entre duas estreitas ruas pude contar no mínimo 12 ou 15 videntes e astrólogos que cobravam *trancas* (a moeda tibetana, pequenas moedas de ouro ou prata), ou *rúpias* indianas. Eles o colocavam em contato com os astros, ou contavam seu futuro trágico ou promissor, e o que eles deveriam fazer no seu destino. Isto é claro, se lhe pagassem mais algumas moedas para que eles vissem mais coisas no horizonte.

– Não lhe parece estranho, tantos astrólogos e videntes? – perguntou-me Lama Gopala, já delineando meus pensamentos.

– Nunca houve tantos em *Lhasa* – respondi.

– E o que acha que isto significa?

– Bem,... acho que muitos não são videntes, nem astrólogos. São charlatões, embusteiros.

– Sim, você tem razão – disse Lama Gopala, enquanto caminhávamos pela rua, à medida que vários transeuntes faziam uma reverência e vibravam um sorriso de admiração e contentamento para meu mestre – mas, por enquanto isto é só uma desconfiança sua. Você ainda não tem certeza, não é?

– Sim, é o que eu acho,... Mas não tenho certeza.

– Isso é porque você está fascinado, com todas as cores, odores e vibrações deste agitado ambiente. Quando isso acontece, nossos sentidos ficam entorpecidos, e a realidade se afasta de nós, criando uma abertura em que a ilusão passa a nos envolver, como é o caso de todas essas pessoas que dão moedas para esses falsos videntes e astrólogos.

– Como assim? – indaguei.

– Venha cá. Vamos nos sentar perto daquele vendedor de frutas.

Sentamos-nos próximos a uma esquina e ficamos observando os pedestres.

– Nesta rua consigo ver oito destes “videntes”. Qual deles você acha que não é um charlatão? – perguntou Lama Gopala.

Observei os oito que minha vista alcançava. Todos sentados na calçada e encostados na parede, esperando por mais um cliente curioso. Aparentemente todos me pareciam verdadeiros e sinceros, pois na grande maioria havia uma pequena fila se formando, e todos pareciam ter uma atitude de muita certeza, seja no que estivessem vendo, ou no que não viam. Uns tinham a fisionomia de indianos, outros pareciam mongóis, e creio que devia haver um chinês entre eles, denunciado pelo seu sotaque. Algo comum entre eles, era que todos eram muito sérios. Além de terem estendidos ao seu redor panos ou tapetes com objetos, símbolos estranhos, pequenas estátuas e talismãs. Alguns desses objetos também estavam à venda.

Porém, havia um deles que me chamou a atenção, pois era um monge também com a cabeça raspada, só que sem nenhum manto que indentificasse a sua posição. Muito pelo contrário, seu manto era de um pano sujo e esfarrapado. Não tinha nenhum objeto perto dele. Estava sempre sorrindo, o que me pareceu que não conseguia esconder a satisfação, enquanto enganava seus clientes e guardava mais uma moeda em sua bolsa.

– Vários deles devem ser charlatões, mas o que eu tenho mais certeza é aquele que não para de sorrir – e aponte para o suposto charlatão.

– E o que o levou a concluir isso, Naropa?

Além de lhe explicar tudo que havia concluído, acrescentei o que considerei ser fundamental, e uma prova irrefutável de meu “olho de águia”.

– Ele é o único que não têm uma fila de pessoas. Além do mais, os poucos que lhe dão uma moeda, logo se retiram e parece que saem muito contrariados pela expressão de seus rostos.

Tinha certeza que havia escolhido o mais falso dos charlatões daquela rua, quando ouço a sonora gargalhada de Lama Gopala.

– Sábia escolha, Naropa. Porém, sua escolha foi feita com os olhos físicos. A ilusão por ser muito astuta e esperta o enganou, e você poderia ser também mais uma pessoa a desperdiçar seu dinheiro, como os outros – disse ele, ainda sorrindo.

– Não compreendo – indaguei surpreso.

– Lembra-se que lhe disse que nossas emanções denunciam quase tudo, principalmente nossa sinceridade e nossa falsidade.

– Observe de novo – disse ele, enquanto encostou seu dedo e minha testa por alguns segundos.

Sempre que ele fazia isso, minha visão adquiria uma profundidade além dos olhos físicos, e um mundo de cores vibrantes passava a habitar minha consciência desperta. Onde antes não havia nada, a não ser o mundo conhecido, logo se tornava mais real e mais verdadeiro.

Às vezes, conseguia “enxergar o invisível”, fazendo algum exercício específico, mas Lama Gopala tinha a capacidade de me mostrar essas emanções, instantaneamente, quando colocava o dedo na minha testa.

Imediatamente surge uma dormência no ponto de contato, e surgem cores cintilantes e outras opacas nos transeuntes. Ovos luminosos envolvem as pessoas num caleidoscópio multicolorido.

– Observe os videntes – disse Lama Gopala, me trazendo de volta ao meu objetivo.

Olhei um por um e todos tinham cores atraentes, porém, elas duravam muito pouco, como descargas que se expandiam, mas logo se recolhiam a seus corpos, para segundos depois emitirem a mesma cor, mas agora apagada, baça, sem vida e principalmente sem brilho.

– Agora olhe para o vidente com pouca clientela – a voz do Lama invade minha mente.

Fiquei totalmente surpreso, pois ele estava fixamente olhando para mim e sorrindo estranhamente. Mas, o mais incrível era que suas cores, as suas emanções eram extremamente brilhantes e nunca se recolhiam para o interior de seu corpo. Eram constantes e pulsavam agradavelmente cinco palmos além da superfície de sua pele.

– E agora, qual deles é o verdadeiro? – perguntou Lama Gopala interrompendo minha visão.

– O que têm poucos clientes – disse-lhe meio constrangido, enquanto Lama Gopala se divertia com minha mudança de opinião.

Essa era uma das qualidades que mais gostava em meu mestre. Ele estava sempre alegre e era muito divertido.

– Mas porque ele tem tão poucas pessoas para consultá-lo, e seus clientes saem irritados com o que ele diz?

– Porque ele não aumenta a ilusão delas... Venha, vamos nos aproximar mais e observar o que ele diz.

Ficamos próximos a ele, perto o suficiente para ouvir o que ele dizia a um novo cliente. O vidente apenas nos olha e faz uma reverência, provavelmente por causa do manto amarelo de Lama Gopala, e continua atendendo a seu cliente, não parecendo nem um pouco constrangido com nossa presença.

– Sente-se – disse o vidente, ao seu novo cliente bem vestido e pelo visto parecendo ter posses.

– Quando minha filha vai voltar para mim? – perguntou o comerciante.

– Quando você for visitá-la – respondeu o vidente.

– Você não está entendendo. Eu consultei um mago em meu país que veio a

confirmar minha suspeita. Ela foi enfeitiçada pela família desse homem, e acabou se casando com ele contra a minha vontade. Ele é uma pessoa indigna, ignorante e não o aceitamos em nossa família.

– Você quer dizer que ele é pobre – disse o sorridente vidente.

– Também... mas isso não vem ao caso. Eu a quero de volta e estou disposto a pagar o que você quiser para desmanchar esse feitiço. Tenho um *Karma* para resolver com essa pessoa.

– A solução está no seu presente, não no seu passado.

– Como assim? – perguntou o incrédulo cliente.

– Pegue suas coisas agora mesmo e visite sua filha. Conheça o neto que ainda não conhece.

– Tenho um neto?

– Sim. E não conhecerá os outros que ainda virão se não visitar sua filha.

– Mas, ela é que devia me visitar!

– Como?... Se você a expulsou de casa, e disse que nunca mais queria vê-la, se ela se casasse com aquele carroceiro.

– Como você sabe que ele é um carroceiro? – perguntou o surpreso cliente.

– Como você sabe que não sou um vidente se você já me pagou?

– Mas, como vou lutar contra aqueles feiticeiros,... e meu *Karma*?

– Você já sabe o que tem a fazer. Deixe o orgulho de lado e esqueça seu *Karma*. A palavra *Karma*, só deve ser usada e aplicada quando trouxer felicidade as pessoas. Quando ela trouxer infelicidade, não é *Karma*. É uma desculpa e uma burrice.

– Você está me ofendendo! – levantou a voz o comerciante, que já estava irritado e de rosto vermelho.

– Não, se você achar que não tem medo ou que é um burro.

O comerciante fica pensativo e parece se acalmar. Com certeza queria se levantar e ir embora, mas a curiosidade o impedia.

– Não sei... O que você acha que devo fazer?

– Tenho uma fórmula mágica que irá resolver todos os seus problemas.

– Qual é? – perguntou avidamente o comerciante.

– Dê-me mais uma moeda de ouro e lhe direi.

O comerciante rapidamente lhe entrega duas *rúpias* de ouro.

– Não. Somente uma é necessária – disse o vidente, enquanto lhe devolvia a outra. – Só há uma coisa a fazer. Volte a amá-la como quando ela era uma criança e sempre ia ao mercado com você nos fins-de-semana. Deixe seu orgulho ferido de lado e conserte o seu passado, ou seu *Karma*, como você queira, tendo a atitude correta no presente. A palavra *Karma*, não quer dizer “ação e reação”, a sua tradução verdadeira quer dizer apenas “ação”. Se você tem uma “ação”, contrária à sua atitude do passado, não haverá uma “reação” do passado no seu presente. O único jeito de eliminar um *Karma* passado é tendo “ação” ou uma atitude contrária no presente. Toda atitude queima *Karma*, toda estagnação perpetua o *Karma*... Visite sua nova família e a ela, enquanto conversa amorosamente com todos, tendo seu neto em seu colo. Tudo que você viu e imaginou sobre esta situação, até agora, não passa de uma ilusão, criada por você ou dita por outros. O amor não é uma ilusão, por isso ele é o melhor caminho para você nesse momento. E não vai enganá-lo, quando chegar a hora.

Tudo o que o vidente disse era correto, mas não foi capaz de amolecer o orgulhoso e impetuoso coração do comerciante.

– Você é um charlatão – disse o comerciante se levantando irritado – vou procurar um vidente de verdade.

– Esteja à vontade – disse o ainda sorridente vidente de cabeça raspada – há videntes, sortilégios e fórmulas para todas as ilusões, até mesmo para as suas.

O irritado cliente já estava no fim da rua, quando se deteve próximo a um astrólogo e se sentava para pedir a fórmula mágica que tanto procurava em sua mente e seu coração duro, que resolveria todos os seus problemas.

– Ele é muito bom, não acha? – perguntou Lama Gopala.

– Claro que é – respondi ainda fascinado – mas, porque o comerciante se irritou tanto?

– Por que ele não quer mudar.

– É uma pena que as pessoas que não “vêem” como nós, nunca vão descobrir que ele é um verdadeiro vidente – disse lamentando.

– Mas há outras maneiras de você reconhecer um verdadeiro vidente, além de ver as suas emanções de energias cintilantes e peculiares.

– Como assim?

– O verdadeiro vidente é aquele que sempre fala do presente, e raramente fala do passado, só quando é necessário. As pessoas muitas vezes não sabem que têm condições de resolverem todas as situações hoje. Todos têm as energias, as condições, os meios e as capacidades para tornar melhor qualquer situação ou realidade. Mas, a maioria prefere buscá-la no passado, e esquece que hoje já foi diferente do que já foi uma vez. Diferente e melhor, portanto com mais recursos. A grande maioria adia mais uma vez as coisas, e joga sua responsabilidade para frente, para o futuro, ou pior ainda, nas costas dos outros. Enquanto isso, seu presente é confuso, seu passado perturbador e seu futuro incerto.

Esse é o motivo para a maioria dos clientes desse vidente sair irritada: porque ele só fala do presente, e sobre a verdade oculta no interior de quem o procura. É no nosso interior que podemos resolver definitivamente as coisas, mas também onde mais dói, porque nos coloca frente a frente com nossas pequenas imperfeições, como o medo, o orgulho, a vaidade, o egoísmo, o ego.

– Agora é sua vez. Consulte o vidente – disse Lama Gopala para minha surpresa, com um sorriso, diria que meio suspeito.

– Mas...

– Aqui está a moeda, vá logo – disse o Lama que lia meus pensamentos. Não tive escolha, peguei a moeda e me aproximei cauteloso do vidente que falava do presente... E às vezes do passado.

– Humm! O jovem monge da Lamaseira do Norte quer uma consulta... sente-se, mas me dê a moeda antes.

Que eu era monge, isso era fácil de ver pelo meu manto açafraão e minha cabeça raspada, mas como ele sabia que eu era da Lamaseira do Norte. Olhei para Lama Gopala atrás de mim, e me sentei. Senti-me um pouco mais seguro, diante daquele vidente de olhar profundo.

– Você está sendo instruído nas artes da mente para guardar e proteger vários objetos com informações dos “Senhores do Conhecimento”... Você voltou a nascer para continuar esse trabalho, com seu amigo do manto dourado.

– Como você sabe disso? – perguntei-lhe incrédulo, pois até mesmo no templo pouquíssimas pessoas sabiam disso.

– Isso é o seu presente... Também posso falar sobre o seu passado – disse ele, fechando os olhos, e permaneceu mudo enquanto eu aguardava que falasse.

– O que você está esperando? – perguntei, já que ele não falava.

– Mais uma moeda – disse ele, abrindo os olhos e estendendo a mão, enquanto aguardava com um sorriso meio bobo na cara.

Tive vontade de levantar e ir embora, mas minha curiosidade era maior. Reviro o fundo de minha sacola e retiro uma *tranca* de prata, que havia recebido como doação, e guardara para comprar uma caixa de figos cristalizados, para mim e meus

colegas do templo. Coloco a moeda em sua mão e ele começa falar.

– O menino que corre como o vento, encontrou seu destino ao virar velozmente uma esquina em Lhasa... Passeou comigo pela cidade em meus ombros e adora figos cristalizados... No passado se chamou Naropa, e hoje também se chama Naropa.

Estava impressionado, e assustado também. Ele era mais que um vidente. Devia ser um mágico também. Já estava pronto para me levantar e fugir o mais rápido dali, quando ouço a gargalhada suave de Lama Gopala às minhas costas.

– *Om Mani Padme Hum, Rimpoche!* – diz o vidente para Lama Gopala, que retribui a reverência, enquanto sorriem para mim ainda incrédulo.

– Vocês se conhecem!... Você é o Lama que me carregou nos ombros – só agora minha mente estava raciocinando direito.

Ambos riram mais ainda, e só não fiquei mais irritado porque tudo era uma brincadeira, pois já estava acostumado com o bom humor de meu mestre.

– Eu também o conheço – disse o vidente para mim. – Quem tinha 18 anos naquela época era eu. Naquele tempo era e hoje ainda sou um *trapa* de Lama Gopala... Lembra que o carreguei em meus ombros?

Sim... Era o mesmo monge sempre sorridente e calmo. Fiquei assombrado e alegre, pois depois de muito tempo voltei a encontrá-lo.

Por um sinal quase imperceptível de Lama Gopala nos sentamos na calçada, e começaram a conversar, enquanto eu pensava sobre a moeda que havia lhe dado e minha saborosa caixa de figos cristalizados,... que não poderia mais comprar.

– Naropa quer saber sobre a moeda? – perguntou Gopala para o monge vidente.

– Que moeda? – disse ele, se fazendo de tonto.

– A moeda que lhe dei, venerável monge.

– Ah! A moeda. Foi o preço da consulta. Obrigado. Você foi muito generoso.

– Sim, mas...

– Ah! Os figos? Não se preocupe. Conheço um comerciante que sempre doa algumas caixas de frutas cristalizadas, para nossas *Gompas*. Como vivemos de doação, a sua preciosa moeda fica como mais uma doação, afinal, você a recebeu da mesma forma, não é mesmo Lama Naropa?

Ele tinha razão, e ao mesmo tempo ele me ensinara uma lição, e dei adeus à minha preciosa *tranca* de prata.

– O que você tem observado nestes dias antes das festividades? – perguntou Lama Gopala.

– As suas suspeitas estavam certas. Há cinco dias atrás chegou um grupo grande de chineses do império, passando-se por nômades e pastores que vieram fazer suas oferendas. Mas, suas verdadeiras intenções foram as previstas... Quem os trouxe até aqui foram os *Bom-Po*, em outro grupo que chegou há dois dias. Eles estão sendo instruídos e financiados pelos chineses, já que eles têm o mesmo objetivo de encontrar nosso santuário.

– Em vista disso, acho que temos que acelerar alguns preparativos antes do previsto.

– O ano do dragão sempre traz mudanças drásticas.

– Sim, e creio que está na hora de Naropa saber um pouco mais sobre os receptáculos. Avise aos outros que depois das festividades, todos devem se encontrar no templo de *Kuen Luen*... depois devemos lacrar a passagem em *Kargyompa*, o mais rápido possível.

– Venha Naropa. Vamos nos apressar e reunir aos outros para as comemorações.

Despedimo-nos do “falso vidente”, que na realidade era o mais verdadeiro de todos entre todos daquela rua. A sua verdadeira função era permanecer ali e observar os visitantes que chegavam à cidade.

Lama Gopala e os outros monges de hierarquia superior já haviam terminado a cerimônia de comemoração e no amplo salão da *Potala*, pude perceber que mesmo sendo uma ocasião alegre, a apreensão de alguns monges era evidente, provavelmente pela conversa que ouvimos na entrada da cidade.

À medida que nos dirigíamos para a saída leste da cidade, meu estômago era contraído por uma garra invisível. Um medo estranho começou a me invadir. Tinha a nítida impressão de que estávamos sendo observados, como olhos que se escondiam nas estreitas ruelas.

– Continue andando e não olhe para trás – ordena Lama Gopala.
– Tenho a impressão desagradável de que alguém está nos seguindo.
– Tem razão. Estão nos seguindo,... continue andando e não demonstre que percebemos a presença deles.

Meu coração começou a acelerar levemente.

Quando viramos uma esquina pouco movimentada, nos deparamos com um bando de *Bom-Po* à nossa frente. Tentamos dar meia volta, mas havia mais sete deles obstruindo nosso caminho.

– Fique próximo – disse Lama Gopala para mim.

Não seria necessário ele me pedir isso, pois se estivesse mais próximo pisaria em seus pés. A fama dos *Bom-Po* no Tibet não era nada agradável e deveras assustadora. Os *Bom-Po* eram aborígenes nativos do Tibet, que praticavam uma antiga religião. Uma espécie de *tantra* nepalês, adeptos da magia negra e de rituais sangrentos. São muito agressivos e inseparáveis de seus punhais *Gurca*, com sua estranha lâmina em “V”, o que não impede que essa arma seja manejada com destreza, quando em suas mãos. Toda a população os abominava, mas acima de tudo os temia, por isso, o pequeno beco já estava deserto.

– Lama, prepare-se para ir para a outra vida – disse um *Bom-Po* truculento e mal encarado que parecia ser o líder daquele pequeno grupo. Ele tinha uma cicatriz que corria do meio da sua sobrancelha, em sua face, deformava o olho com um globo esbranquiçado e terminava com um vinco mais profundo no queixo. Mesmo estando um pouco longe dele, constatei que também era fedorento. Emanava um odor que parecia ser uma mistura de alho com manteiga de *Yaki* (*) rançosa.

Com um sinal de seu líder, um *Bom-Po* já caminhava em nossa direção, agitando sua temível faca *Gurca* no ar. Meu coração começa a bater rápido e olho para Lama Gopala que estava imóvel olhando fixamente para nosso assassino. Seus dedos estavam entrelaçados de uma forma estranha na altura do peito, executando um *mudra*.

Rapidamente fiz o mesmo que meu mestre. Aquela postura estava aumentando enormemente sua concentração e sua energia, por isso tive que fazer um grande esforço para permanecer onde estava, pois sentia como se uma barreira sólida estivesse me empurrando.

A três metros de onde estávamos, o *Bom-Po* diminui o passo abruptamente. Sua expressão de sarcasmo se transforma em pavor. Seu braço se torna rígido com o pulso sendo torcido até que a dor o obrigue a soltar a afiada lâmina. Ele cai de joelhos apavorado, aparentemente com muita dor no braço.

(*) *Yaki*: Boi peludo das montanhas do *Himalaya*. Animal de carga.

Já havia visto algumas demonstrações de força mental, mas aquela era impressionante... e não era só eu que achava aquilo, pois os *Bom-Po* tinham rostos assustados e já davam alguns passos para trás.

– Nyag Tagh, Borag! – gritou o líder irritado... Um sinal para nos atacarem.

Mesmo com receio, três deles avançam, mas novamente aquela parede de energia os impulsiona para trás, porém, já sinto o cansaço de Lama Gopala. Sua energia começa a diminuir e a voltar para seu corpo, o que foi percebido também pelo líder dos *Bom-Po*, que mais uma vez incentiva para que seus homens não parem.

Quando pensei que seria nosso fim, surge um monge da província de Henan, um monge *Shaolin* da China, com seu longo bastão de madeira e derruba habilmente três daqueles brutamontes. Logo, surgem mais seis monges do templo *Shaolin*, com seus bastões girando velozmente no ar, e tanto nós quanto eles sabíamos da perícia desses monges lutadores que de época em épocas vinham estudar em nossa lamaseira, pois compartilhávamos muitas idéias e princípios semelhantes, no que se referia à espiritualidade e às práticas do budismo.

Com um comando de seu líder todos recuaram e já se retiravam, mas não sem antes nos lançar uma ameaça.

– Ainda não terminou. Voltaremos a nos encontrar, monge!

Assim, como apareceram repentinamente, sumiram da mesma forma. Por precaução nossos amigos monges de *Shaolin*, com suas marcas típicas do dragão e do tigre em cada antebraço marcadas a fogo, nos acompanharam por todo o trajeto de volta a *Kuen Luen*. Lá nos encontraríamos com outros monges e estaríamos protegidos dentro da *Gompa* e isolados por suas fortes e altas paredes.

Vi, à distância, os monges de *Shaolin*, com suas túnicas laranja se afastarem. Estavam voltando para Chigatze, que junto com Lhasa, formava um centro de universidades, bibliotecas e templos, e lá completariam seus estudos. Depois retornariam ao seu templo em Henan, onde continuariam suas vidas dedicadas à busca espiritual e ao aperfeiçoamento das artes marciais, como uma maneira de dominar o corpo, a mente e as emoções... Um deles, um adolescente, vira-se para nos observar subindo a montanha, e une o punho à palma de sua mão aberta em reverência. Aceno-lhe à distância em gratidão... Como admirava a sabedoria e a destreza desses monges lutadores!